

Jazz

13 Março 2011

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Luís Lopes e Jean-Luc Guionnet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra Luís Lopes

Saxofone alto Jean-Luc Guionnet

Dom 13 de Março

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h00 · M12

Desafio total

Envolvido em diversos projectos com músicos portugueses, em disco Luís Lopes vem surgindo à frente de grupos constituídos, sobretudo, com músicos estrangeiros. As excepções têm sido Rodrigo Amado e Sei Miguel: nos dois álbuns com o Humanization Quartet, o homónimo e o recente *Electricity*, encontramos os irmãos texanos Aaron e Stefan González; em *What is When* os seus parceiros de trabalho são o norte-americano Adam Lane e o israelita Igal Foni; em *Afterfall*, com o grupo do mesmo nome, estão o francês Benjamin Duboc e dois residentes de Woodstock, Joe Giardullo e Harvey Sorgen; no seu próximo lançamento, agendado para sair em 2011, será acompanhado pelos alemães Christian Lillinger e Robert Landferman. Ou seja, Lopes está especialmente interessado em estabelecer

encontros com figuras do circuito mundial. No que agora ao vivo se propõe, o seu interlocutor é o parisiense Jean-Luc Guionnet.

“Fora aqueles com quem mantenho colaborações, proximidades e concretizações de ideias, há aqui em Portugal vários músicos de peso com quem gostaria de tocar, e espero vir a ter essa oportunidade. Se houver interesse da parte deles, vai acontecer. Está tudo em aberto. Mas também existe um universo enorme lá fora para explorar, e nele, felizmente, até tenho encontrado algum eco. Quando um músico português se internacionaliza, isso é sinal de que as coisas por cá se estão a desenvolver. Há mais gente disponível para a criatividade, com cabeça limpa e livre, mas o que já se conseguiu ainda não é suficiente para colocar Portugal no globo:

é preciso haver mais coragem, mais ambição, mais união de sectores, mais cultura, melhor formação e melhores produtores. Haveremos de lá chegar” – afirma o guitarrista.

Esta será a primeira vez que Luís Lopes e o saxofonista francês tocarão juntos, pelo que as expectativas são elevadas: “Vejo o Jean-Luc como um artista total, desprovido de tiques académicos ou de qualquer preconceito sob o ponto de vista estilístico. É um músico que, tendo plena consciência das fronteiras vigentes, canaliza todos os esforços para conseguir uma autêntica criatividade e não numa construção carreirista de encantamento e aceitação imediata. O seu percurso tem-me despertado uma imensa curiosidade e para mim ele é uma das vozes mais interessantes do momento.”

À partida, e apesar de o lisboeta considerar que entre ambos “não há uma diferenciação radical de estilos”, os perfis e as experiências pessoais destes dois improvisadores natos são bem diferentes. Lopes partiu dos blues e do rock e isso presente-se no jazz e na música livremente improvisada que vem dando a público – e não apenas como referências; por vezes, tornam-se ingredientes consciente e intencionalmente inseridos. Em paralelo, dedica-se a uma *noise music* brutalista que denota o seu fascínio pela distorção e pelo *feedback* guitarrísticos, em solos altamente contrastantes com a postura discreta e ao serviço do colectivo que adopta nos seus grupos.

Por sua vez, Jean-Luc Guionnet tem-se destacado na escola reducionista da improvisação, reconhecível por trocar as convenções melódicas, harmónicas

e rítmicas pela construção de texturas abstractas e por baixíssimos níveis de volume, introduzindo igualmente o silêncio nas tramas sonoras, como no caso do quinteto Hubbub. A sua actividade passa ainda pelo experimentalismo electroacústico, por exemplo com Eric La Casa, e pelo tratamento de *field recordings* recolhidos em meios urbanos ou naturais. Pelo meio, toca *free jazz* com The Fish, se bem que utilizando essa linguagem de forma teatralizada...

Em discurso directo: “Não haverá temas nem estruturas predefinidas e ainda nem falámos sobre o que vamos fazer. Estamos totalmente disponíveis para os momentos de liberdade que surgirem. Agrade-me a representação da estética *free* feita pelos The Fish. O termo *free jazz* está adjacente a um período em que se pretendeu abrir a verticalidade serrada das *changes* à horizontalidade da inexistência de acordes, não esquecendo todo o fraseado harmónico formulado até à data. Porque estamos sempre à procura de novas ideias, fará todo o sentido se tocarmos nessa direcção com base num património agora tremendamente maior, oferecido por todos aqueles, músicos de jazz e não só, que ultrapassaram as barreiras existentes. Se bem que já não seja a mesma coisa, não terei qualquer preconceito em chamar a isso *free jazz*. É o que faço, aliás, e propositadamente, no CD que vai sair com Lillinger e Landferman.”

Essa poderá ser a via escolhida, mas nenhuma outra está excluída, até porque, em se tratando de improvisação, só na altura se desenharão efectivamente os rumos a tomar: “Não me parece que se vá para uma situação de *near silence*, mas nunca se sabe. Tudo

dependerá do Jean-Luc e da atmosfera envolvente, mas pela minha parte, e reflectindo por antecipação, acho que seria despropositado e irrealista tentarmos algo desse género no Pequeno Auditório da Culturgest. Vi um concerto monumental, nesse tipo de registo, do Jean-Luc em duo com Seijiuro Murayama no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, e aí sim, funcionava. Enfim, tudo isto que estou a dizer é relativo. Não posso imaginar o que vai acontecer...”

O outro interveniente neste concerto esteve para ser o igualmente saxofonista Mats Gustafsson, mas motivos de força maior levaram este a cancelar a sua participação. Seria um dueto mais óbvio, devido ao que os dois músicos têm de comum – Gustafsson é especialmente intenso, explosivo inclusive, e como Lopes interessa-se pelo rock, o que se confirma pelo facto de incluir temas dos grupos White Stripes e Yeah Yeah Yeahs no repertório dos The Thing. “Com ele sabia que ia percorrer uma estrada dirigida a um ponto de fuga bem definido, uma extrema e violenta *open-road* sónica. Por todas as razões e mais algumas, o Mats era o parceiro ideal para essa viagem. Mas existem outras viagens que quero concretizar e esses investimentos estéticos pedem outros parceiros. Jean-Luc Guionnet era uma das alternativas de viagem em que pensei. Se com o Mats teríamos uma música mais direccionada, com o Jean-Luc o leque poderá abrir-se exponencialmente e não sei bem para onde. São desafios diferentes. Neste momento já só penso no Jean-Luc”, refere.

Com mais esta colaboração, Lopes continua a sua busca de “uma porta

de saída concreta para a liberdade em relação a todos os espartilhos, incluindo aqueles que a própria música improvisada vai criando, seja mediante projectos mais e menos estruturados, seja mergulhando na aventura experimental”. Nestes parâmetros, como diz, “cada caso é um caso”: “Embora, para mim, um duo seja como um colectivo, pois não estou sozinho. Aliás, mesmo estando a solo não aceito a ideia de que estou sozinho. Só me sinto realmente só quando pratico em casa, e mesmo assim é difícil. Tenho sempre presente que num colectivo a música precisa, acima de tudo, de ser uma partilha de emoções e de ser interessante para todos. Senão é que ficaria mesmo sozinho estando acompanhado, o que seria triste e não teria, certamente, resultados artísticos positivos.”

Para um “desafio total” como este que ora se proporciona, considera Luís Lopes que “não existem preparações milagrosas”: “A preparação vem detrás, de toda uma vida de trabalho, de interiorizações e de vivências – ou se tem bagagem ou não; as coisas não surgem do nada.” Ainda assim, deu consigo a ouvir outros duos de guitarra e sopros, como os de Fred Frith e Anthony Braxton ou de Joe Morris e Nate Wooley, bem como *Live at the Olympic Café*, de The Fish. Se essas escutas vão influenciar de algum modo as opções a tomar, é uma incógnita: “Não foi TPC; estou constantemente a picar discos, e estes vinham a propósito.”

Para todos os efeitos, que bom é não saber o que se vai encontrar, tendo apenas como indicação a qualidade dos participantes e os importantes marcos que foram deixando pelo caminho. Para

quem está cansado de enlatados musicais prontos-a-servir, que bom também é ouvir dois músicos “anómalos” como estes, para citar um termo que já foi utilizado pela crítica para os apresentar...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Luís Lopes

guitarra

Luís Lopes é um músico eclético que se dedica actualmente às áreas do jazz, música improvisada e experimental, canalizando sempre energias para projectos onde desenvolve as suas próprias composições.

Oriundo dos vários estilos de rock e dos blues, estudou jazz na Escola Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal e na Escola de Jazz do Barreiro, onde, como finalista, participou no Jazz Combo representante da escola. Efetuou ainda estudos de harmonia e improvisação com o saxofonista soprano norte-americano Joe Giardullo e participou em diversos *workshops* com músicos internacionais dos quais se destacam Ken Filliano, Joe Morris e Joe Giardullo, ou ainda a Jazz Workshop Orchestra dirigida por Adam Lane (Coimbra Jazz ao Centro Fest). No seu percurso mais recente tem tocado e/ou gravado com variados artistas portugueses e estrangeiros ligados ao Jazz e à música improvisada, como Christian Lillinger, Robert Landfermann, Marco Von Orelli, Marc Unternährer, Adam Lane, Igal Foni, Floros Floridis, Joe Giardullo, Harvey Sorgen, Benjamin Duboc, Phill Niblock, Ernesto Rodrigues, Paulo Curado, Sei Miguel, Rodrigo Amado, Aaron Gonzalez, Stefan Gonzalez, Dennis Gonzalez, Elliot Levine, Alfred Hart, Daniel Levin, Reuben Radding, Jeb Bishop, Josh Abrams, entre muitos outros.

Lidera actualmente o projecto *Humanization 4tet*, ao lado do saxofonista Rodrigo Amado e dos dois norte-

-americanos Aaron e Stefan Gonzalez, com novo disco *Electricity* (Ayley Records) recentemente editado, depois do internacionalmente bem aclamado álbum de estreia *Humanization 4tet* (Clean Feed).

Faz parte do trio de jazz LopesLaneFoni, também luso-americano, ao lado dos dois músicos norte-americanos Adam Lane (contrabaixo) e Igal Foni (bateria) com o qual gravou o também muito bem recebido *What is When* (Clean Feed).

Integra o Quinteto Afterfall direccionado integralmente para a livre improvisação, onde participam Sei Miguel, Joe Giardullo, Harvey Sorgen e Benjamin Duboc, que gravou o CD *Afterfall* também recentemente editado pela editora Clean Feed.

Integra ainda o projecto New Lisbon-Berlin Trio com os jovens músicos berlinenses Christian Lillingers e Robert Landferman, com lançamento de disco agendado para este ano também pela Clean Feed.

Mais informações em:

myspace.com/luislopes09

www.myspace.com/humanization4tet

Jean-Luc Guionnet

saxofone alto

Jean-Luc Guionnet nasceu em Lyon em 1966, vive e trabalha em França.

É saxofonista, organista, pianista, músico electroacústico, produtor de rádio e artista plástico.

Fez a sua agregação em artes plásticas em 1995.

Estudou artes plásticas e estética na Sorbonne com Geneviève Clancy, Iannis Xénakis, Bernard Tesseydre, André Almuro, Côme Mosta Heirt, Jean-Michel Palmier, Michel Journiac, Éric Valentin e Dominique Noguez.

Estudou também composição electroacústica nos Conservatórios de Boulogne-Billancourt e de Pantin entre 1989 e 1993.

Estudou filosofia no Centre d'Études Supérieures de la Renaissance em Tours, com Bruno Pinchard.

Trabalha sobre o rumor em filosofia e foi doutorando sob a direcção conjunta de Geneviève Clancy e Bernard Tesseydre até 2001, prosseguindo o seu trabalho de investigação fora do quadro universitário.

Jean-Luc Guionnet toca em diferentes formações de música instrumental, electroacústica, experimental ou *free jazz* com músicos de dimensão internacional. Apresentou-se em numerosos festivais (Banlieues Bleues, Jazz à Mulhouse, Musique Action, Jazz à Luz, Freedom of the City, Beyond Baroque, Noise Asia, La force de l'art, entre outros), clubes de jazz, salas de concerto.

Fez digressões pela Coreia (2004), Califórnia (2003), Suécia (2003), Turquia (2002), Austrália (2005), Canadá

(2005), EUA (2001, 2003, 2004, 2006, 2008), Japão (2006, 2007), China (2006), Espanha (2007), Portugal (2007), República Checa (2007), Alemanha (2007), Polónia (2007, 2008).

Como compositor escreveu para amigos colaboradores e intérpretes como Taku Unami, Taku Sugimoto, Masahiko Okura e Rhodri Davies.

Desde 1998 que realizou oito obras radiofónicas para Radio France difundidas no quadro das emissões ACR (*ateliers* de criação radiofónica – France Culture), e em Surpris par la nuit.

Compôs trinta e cinco obras electroacústicas. Participa em mais de quarenta CD's. É co-autor de treze filmes, entre curtas, médias e longas-metragens.

É membro do conselho de redacção de *Terres des Signes*, uma revista-livro de filosofia e arte publicada pela editora l'Harmattan. Publicou artigos em diferente revistas francesas e internacionais.

Mais informações em:

www.jeanlucguionnet.eu

Holiday Férias

Um espectáculo de Ranters Theatre

Teatro Qui 17, Sex 18, Sáb 19 Março

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h20 · M12 · Espectáculo em inglês, com legendas



Conceito e encenação Adriano Cortese

Texto Raimondo Cortese **Desenho e operação de som**

David Franzke **Desenho de luz** Niklas Pajanti

Cenário (adaptado da cenografia original) Anna Tregloan

Interpretação e co-criação Paul Lum e Patrick

Moffatt **Produção** Alison Halit **Companhia financiada**

por Arts Victoria e Arts House

Estreia Melbourne em Agosto de 2007

Holiday é uma suave provocação. Num momento de descontração e reflexão tranquila, dois homens inadvertidamente aproximam-se. De forma espontânea, desafectada e espantosamente real, a discussão inocente torna-se uma exploração de fantasias privadas, ansiedades escondidas, de mitologias pessoais e dos comportamentos mais inexplicáveis.

Do bar à chaise longue, *Holiday* é a viagem das simples complexidades do homem, situada num cenário elegante e rarefeito e complementada por uma banda sonora de barroco contemporâneo que cita Vivaldi, Corelli e Albinoni.

Desbastando a teatralidade até à sua forma mais crua, *Holiday* revela significados no mais inconsciente dos gestos, lutas de poder na mais educada das

interacções e esperança nos espaços em branco entre desconhecidos.

Ranters Theatre é uma companhia australiana fundada em Melbourne em 1994 por diplomados do Victorian College of the Arts. Dos seus espectáculos, vários deles com circulação internacional, podem destacar-se *Lucrezia & Cesare* (1994), *The Room* (1995), *Features of Blown Youth* (1997), *Roulette* (2000-2005), *St. Kilda Tales* (2001) e *Intimacy* (2010).

Roulette (Parts 1 & 2) passou pelo Porto em 2001 (PoNTI) e por Coimbra em 2003, durante a Semana Internacional de Teatro; em 2003, a Semana Internacional de Teatro apresentou *St. Kilda Tales* no Porto (TNSJ) e em Coimbra (TAGV).

Holiday recebeu cinco Green Room Awards em Melbourne em 2007 e o prémio de melhor intérprete masculino do Dublin Fringe Festival 2009 para os seus dois actores.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
